

POEMAS DE AGOSTINHO NETO

ADEUS À HORA DA LARGADA

Minha Mãe

(todas as mães negras
cujos filhos partiram)
tu me ensinaste a esperar
como esperaste nas horas difíceis

Mas a vida
matou em mim essa mística esperança

Eu já não espero
sou aquele por quem se espera

Sou eu minha Mãe
a esperança somos nós
os teus filhos
partidos para uma fé que alimenta a vida

Hoje
somos as crianças nuas das sanzalas do mato
os garotos sem escola a jogar a bola de trapos
nos areais ao meio dia
somos nós mesmos
os contratados a queimar vidas nos cafezais
os homens negros ignorantes
que devem respeitar o homem branco
e temer o rico
somos os teus filhos
dos bairros de pretos
além aonde *não* chega a luz elétrica
os homens bêbados a cair
abandonados ao ritmo dum batuque de morte
teus filhos
com fome
com sede
com vergonha de te chamarmos Mãe
com medo de atravessar as ruas
com medo dos homens
nós mesmos

Amanhã
entoaremos hinos à liberdade
quando comemorarmos
a data da abolição desta escravatura

Nós vamos em busca de luz
os teus filhos Mãe
(todas as Mães negras
cujos filhos partiram)
Vão em busca de vida.

QUITANDEIRA

A quitanda.
Muito sol
e a quitandeira à sombra
da mulemba.

- Laranja, minha senhora
laranjinha boa!

A luz brinca na cidade
o seu quente jogo
de claros e escuros
e a vida brinca
em corações aflitos
o jogo da cabra-cega.

A quitandeira
que vende fruta
vende-se.

- Minha senhora
laranja, laranjinha boa!

Compra laranjas doces
compra-me também o amargo
desta tortura
da vida sem vida.

Compra-me a infância de espírito
este botão de rosa
que *não* abriu
princípio impelido ainda para um início.

Laranja, minha senhora!

Esgotaram-se os sorrisos
com que chorava
eu já não choro.

E aí vão as minhas esperanças
como foi o sangue dos meus filhos
amassado no pó das estradas
enterrado nas roças
e o meu suor
embebido nos fios de algodão
que me cobrem.

Como o esforço foi oferecido
à segurança das máquinas
à beleza das ruas asfaltadas
de prédios de vários andares
à comodidade de senhores ricos
a alegria dispersa por cidades
e eu
me fui confundindo
com os próprios problemas da existência.

Aí vão as laranjas
como eu me ofereci ao álcool
para me anestesiarem
e me entreguei às religiões
para me insensibilizar
e me atordoar para viver.
Tudo tenho dado.
Até mesmo a minha dor
e a poesia dos meus seios nus
entreguei-as aos poetas.

Agora vendo-me eu própria.
- Compra laranjas
minha senhora!
Leva-me para as quitandas da Vida
o meu preço é único:

- sangue.

Talvez vendendo-me
eu me possuua.

- Compra laranjas!

PARTIDA PARA O CONTRATO

O rosto retrata a alma
amarfanhada pelo sofrimento

Nesta hora de pranto
vespertina e ensangüentada
Manuel
o seu amor
partiu para S. Tomé
para lá do mar

Até quando?

Além no horizonte repentinos
o sol e o barco
se afogam
no mar
escurecendo
o céu escurecendo a terra
e a alma da mulher

Não há luz
não há estrelas no céu escuro
Tudo na terra é sombra

Não há luz
não há norte na alma da mulher

Negrura
Só negrura...

VELHO NEGRO

Vendido
e transportado nas galeras
vergado pelos homens
linchado nas grandes cidades
esbulhado até ao último tostão
humilhado até ao pó
sempre sempre vencido

É forçado a obedecer
a Deus e aos homens
perdeu-se

Perdeu a pátria
e a noção de ser

Reduzido a farrapo
macaquearam seus gestos e a sua alma
diferente

Velho farrapo
negro
perdido no tempo

e dividido no espaço!

Ao passar de tanga
com o espírito bem escondido
no silêncio das frases côncavas
murmuram eles:
Pobre negro!

E os poetas dizem que são seus irmãos.

NOITE

Eu vivo
nos bairros escuros do mundo
sem luz nem vida.

Vou pelas ruas
às apalpadelas
encostado aos meus informes sonhos
tropeçando na escravidão
ao meu desejo de ser.

São bairros de escravos
mundos de miséria
bairros escuros.

Onde as vontades se diluíram
e os homens se confundiram
com as coisas.

Ando aos trambolhões
pelas ruas sem luz
desconhecidas
pejadas de mística e terror
de braço dado com fantasmas.

Também a noite é escura.

SÁBADO NOS MUSSEQUES

Os musseques são bairros humildes
de gente humilde

Vem o sábado
e logo ali se confunde com a própria vida
transformada em desespero
em esperança e em mística ansiedade

Ansiedade encontrada
no significado das coisas
e dos seres

na lua cheia
acesa em vez dos candeeiros
de iluminação pública
que pobreza e luar
casam bem

Ansiedade
sentida nos barulhos
e no cheiro a bebidas alcoólicas
espalhados no ar
com gritos de dor e alegria

misturados em estranha orquestração

Ansiedade
no homem fardado
alcançando outro homem
que domina e leva aos pontapés
e depois de ter feito escorrer sangue
enche o peito de satisfação
por ter maltratado um homem

Outros evitarão passar
onde o **casse-tête** derrubou o homem
darão voltas
saltarão muros
pisarão espinhos
pés descalços se cortarão
sobre cacos de garrafas
quebradas por crianças inocentes
e cada mulher
suspirará de alívio
quando o seu homem entrar em casa

Ansiedade
nos soldados que se divertem
emboscados à sombra de cajueiros
a espera de incautos transeuntes

A intervalos
ais de dor
lancinam ouvidos
ferem corações tímidos
e afastam-se passos
em correria angustiante
e depois dos risos da matula
desenfreada
só silêncio mistério lágrimas de ódio
e carnes laceradas
pelas fivelas dos cinturões

Ansiedade
nos que passam
à procura do prazer fácil

Ansiedade no homem
escondido em recanto escuro
violando uma criança

Sua riqueza calará o pai
e a criança
só tarde
clamará contra o destino

Ansiedade ouvida
na contenda de taberna

Compadres discutindo
escandalosamente
velha dívida de cem mil réis
entre os murmúrios
da numerosa assistência

Ansiedade
nas mulheres
que abandonaram os homens

para ouvir
a vizinha aos gritos
ralhando contra a pobreza do marido

Ouvem-se
choros histéricos
ruído de cadeiras caídas
respirações ofegantes
tilintar doloroso
de louça de ferro esmaltado
e a multidão invade a casa
os desavindos expulsam-na
e depois vem a reconciliação
com risinhos de prazer

Ansiedade
nos alto-falantes do cinema
de bocas escancaradas
a gritar *swings*
ao pé das bilheteiras
enquanto um carrossel
arrasta em turbilhão de sonho
luzinhas vermelhas verdes azuis
e também
a troco de dois mil e quinhentos
namorados e crianças

Ansiedade nos batuques saudosos
dos kiocos contratados
formando lá do acampamento
o fundo de todo o ruído

Lunda sem fronteiras
a debruar o sussurro
da ânsia tumultuante

Ansiedade
na humilde criança
que foge amedrontada do polícia
de serviço

Ansiedade
no som da viola
acompanhando uma voz
que canta sambas indefinidos
deliciosamente preguiçosos
pejando o ar
do desejo de romper em pranto

Com a voz
passa o grito de saudade
que a multidão tem dos dias *não* vividos
dos dias de liberdade
e a noite
bebe-lhes os anseios de vida

Ansiedade
nos bêbados caídos nas ruas
alta noite

Ansiedade
nas mães aos gritos
à procura de filhos desaparecidos

nas mulheres que passam embriagadas

no homem
que consulta o kimbanda
para conservar o emprego

na mulher
que pede drogas ao feiticeiro
para conservar o marido

na mãe
que pergunta ao adivinho
se a filhinha se salvará
da pneumonia
na cubata
de velhas latas esburacadas

nas mulheres implorando
compaixão
a nossas senhoras

nas famílias rezando
enquanto oram
bêbados urinam na rua
encostados à parede
afastando-se depois
a ridicularizar as rezas
que perceberam
através das persianas das janelas

Ansiedade na kazukuta
dançada à luz do acetileno
ou de candeeiro **Petromax**
em sala pintada de azul
cheia de pó
e do cheiro a suor dos corpos
e de meneios de ancas
e de contatos de sexos

Ansiedade
nos que riem e nos que choram
nos que entendem
e nos que respiram sem compreender

Ansiedade
nas salas de dança
regurgitantes de gente
onde daí a instantes
o namorado repreende a noiva
insultos são atirados para o ar
enchendo o recinto de questões
que extravasam para a rua
acudindo polícias aos assobios

Ansiedade
no esqueleto de pau a pique
ameaçadoramente inclinado
a sustentar pesado teto de zinco

e nos quintais
semeados de dejetos e maus cheiros
nas mobílias sujas de gordura
nos lençóis esburacados
e nas camas sem colchão

Ansiedade

nos que descobrem multidões passivas
esperando a hora

Nos homens
ferve o desejo de fazer o esforço supremo
para que o Homem
renasça em cada homem
e a esperança
não mais se torne
em lamentos da multidão

A própria vida
faz desabrochar mais vontades
nos olhares ansiosos dos que passam

O sábado misturou a noite
nos musseques
com mística ansiedade
e implacavelmente
vai desfraldando heróicas bandeiras
nas almas escravizadas.

CAMINHO DO MATO

Caminho do mato
caminho da gente
gente cansada
óóó-oh

Caminho do mato
caminho do soba
soba grande
óóó-oh

Caminho do mato
caminho de Lemba
Lemba formosa
óóó-oh

Caminho do mato
caminho do amor
amor do soba
óóó-oh

Caminho do mato
caminho do amor
do amor de Lemba
óóó-oh

Caminho do mato
caminho das flores
flores do amor.

SINFONIA

A melodia crepitante das palmeiras
lambidas pelo furor duma queimada

Cor
estertor
angústia

E a música dos homens
lambidos pelo fogo das batalhas inglórias

Sorrisos
dor
angústia

E a luta gloriosa do povo

A música
que a minha alma sente.

1948

CONTRATADOS

Longa fila de carregadores
domina estrada
com os passos rápidos

Sobre o dorso
levam pesadas cargas

Vão
olhares longínquos
corações medrosos
braços fortes
sorrisos profundos como águas profundas

Largos meses os separam dos seus
e vão cheios de saudades
e de receio
mas cantam

Fatigados
esgotados de trabalhos
mas cantam

Cheios de injustiças
caladas no imo das suas almas
e cantam

Com gritos de protesto
mergulhados nas lágrimas do coração
e cantam

La vão
perdem-se na distância
na distância se perdem os seus cantos tristes

Ah!
eles cantam...

CONSCIENCIALIZAÇÃO

Medo no ar!

Em cada esquina
sentinelas vigilantes incendeiam olhares
em cada casa
se substituem apressadamente os fechos velhos

das portas

e em cada consciência
fervilha o temor de se ouvir a si mesma

A História está a ser contada
de novo

Medo no ar!

Acontece que eu
homem humilde
ainda mais humilde na pele negra
me regresso África
para mim
com os olhos secos.

DEPRESSA

Impaciento-me nesta mornez histórica
das esperas e de lentidão
quando apressadamente são assassinados os justos
quando as cadeias abarrotam de jovens
espremidos até à morte contra o muro da violência

Acabemos com esta mornez de palavras e de gestos
e sorrisos escondidos atrás de capas de livros
e o resignado gesto bíblico
de oferecer a outra face

Inicie-se a ação vigorosa máscula inteligente
que responda dente por dente olho por olho
homem por homem
venha a ação vigorosa
do exército popular pela libertação dos homens
venham os furacões romper esta passividade

Soltem-se em catadupas as torrentes
vibrem em desgraças as florestas
venham temporais que arranquem as árvores pela raiz
e esmaguem tronco contra tronco
e vindimem folhagens e frutos
para derramar a seiva e os sucos sobre a terra úmida
e esborrache o inimigo sobre a terra pura
para que a maldade das suas vísceras
fique para sempre aí plantada
como monumentos eternos dos monstros
a serem escarnecidos e amaldiçoados por gerações
pelo povo martirizado durante cinco séculos

África gloriosa
África das seculares injustiças
acumuladas neste peito efervescente e impaciente
onde choram os milhões de soldados
que não ganharam as batalhas
e se lamentam os solitários
que não fizeram a harmonia numa luta unida

Atraia-se o raio sobre a árvore majestosa
para assustar os animais dos campos
e queimar a insantidade dos santos e dos preconceitos
Rompa aos gritos a juventude da terra e dos corações
na irreverente certeza do Amanhã nosso
apressando a libertação dos amarrados
ao tronco escravagista
dos torturados no cárcere

dos sacrificados no contrato
 dos mortos pelo azorrague e pela palmatória
 dos ofendidos
 dos que atraíam
 e denunciam a própria pátria

Não esperemos os heróis
 sejamos nós os heróis
 unindo as nossas vozes e os nossos braços
 cada um no seu dever
 e defendamos palmo a palmo a nossa terra
 escorracemos o inimigo
 e cantemos numa luta viva e heróica
 desde já
 a independência real da nossa pátria.

Cadeia do Aljube de Lisboa, Agosto de 1960

CONFIANÇA

O oceano separou-me de mim
 enquanto me fui esquecendo nos séculos
 e eis-me presente
 reunindo em mim o espaço
 condensando o tempo

Na minha história
 existe o paradoxo do homem disperso

Enquanto o sorriso brilhava
 no canto de dor
 e as mãos construíam mundos maravilhosos

John foi linchado
 o irmão chicoteado nas costas nuas
 a mulher amordaçada
 e o filho continuou ignorante

E do drama intenso
 duma vida imensa e útil
 resultou certeza

As minhas mãos colocaram pedras
 nos alicerces do mundo
 mereço o meu pedaço de pão.

O CAMINHO DAS ESTRELAS

Seguindo
 o caminho das estrelas
 pela curva ágil do pescoço da gazela
 sobre a onda sobre a nuvem
 com as asas primaveris da amizade

Simple nota musical
 indispensável átomo da harmonia
 partícula
 germe
 cor
 na combinação múltipla do humano

Preciso e inevitável
 como o inevitável passado escravo

através das consciências
 como o presente

Não abstrato
 incolor
 entre ideais sem cor
 sem ritmo
 entre as arritmias do irreal
 inodoro
 entre as selvas desaromatizadas
 de troncos sem raiz

Mas concreto
 vestido do verde
 do cheiro novo das florestas depois da chuva

da seiva do raio do trovão
 as mãos amparando a germinação do riso
 sobre os campos de esperança

A liberdade nos olhos
 o som nos ouvidos,
 das mãos ávidas sobre a pele do tambor
 num acelerado e claro ritmo
 de Zaires Calaáris montanhas luz
 vermelha de fogueiras infinitas nos capinzais
 violentados
 harmonia espiritual de vozes tam-tam
 num ritmo claro de África

Assim
 o caminho das estrelas
 pela curva ágil do pescoço da gazela
 para a harmonia do mundo.

NA PELE DO TAMBOR

As mãos violentas insidiosamente batem
 no tambor africano
 e a pele percutida solta-me tantãs gritantes
 de sombras atléticas
 à luz vermelha do fogo de após trabalho

Esmago-me na pele batida do tambor africano
 vibro em sanguinolentas deturpações de mim mesmo
 à vontade das percussões alcoólicas
 sobre a pele esticada do meu cérebro

Onde estou eu? quem sou eu?

Vibro no couro pelado do tambor festivo
 em europas sorridentes de farturas e turismos
 sobre a fertilização do suor negro
 nas áfricas envelhecidas pela vergonha de serem áfricas
 nas áfricas renovadas do brilho firme do sol e
 transformação
 sedosa e explosiva do universo
 dentro do movimento de mim mesmo na vibração ritmada
 da pele cerebral do tambor africano
 ritmada para o esforço de dançar a dança suave das
 palmeiras

Vibro
 em áfricas humanas de sons festivos e confusos

(que línguas pronunciáveis em mim irmãos
que não vos entendo neste ritmo?)

Nunca me pensei tão perverso
ó impureza criminosa dos séculos coloniais
(que história é essa da lebre e da tartaruga
que contas neste novo ritmo de fogueira
à noite
minha avozinha de pele negra de África)

Mas não tão longe nem tão perverso
quanto as vibrações
da pele do meu cérebro
esticada no tambor das minhas mãos
pela África humana

As mãos entrelaçadas sobre mim
em gozo de vida em gargalhadas em alegrias
de lagos libertados por amplos verdes
para os mares
dão-me o tom da minha África
dos povos negros do continente que nasce

fora dos abismos escurecidos da negação
ao lado de ritmos de dedos congestionados
sobre a pele envelhecida do tambor
dentro do qual vivo e vibro e clamo:
avante!

1953

FOGO E RITMO

Sons de grilhetas nas estradas
cantos de pássaros
sob a verdura úmida das florestas
frescura na sinfonia adocicada
dos coqueiros
fogo
fogo no capim
fogo sobre o quente das chapas do Cayatte

Caminhos largos
cheios de gente cheios de gente
cheios de gente
em êxodo de toda a parte
caminhos largos para os horizontes fechados
mas caminhos
caminhos abertos por cima
da impossibilidade dos braços.

Fogueiras
dança
tam - tam
ritmo

Ritmo na luz
ritmo na cor
ritmo no som
ritmo no movimento
ritmo nas gretas sangrentas dos pés descalços
ritmo nas unhas arrancadas
Mas ritmo
ritmo

Ó vozes dolorosas de África!

A VOZ IGUAL

Neste amanhecer vital
para os acontecimentos extraordinários
por montes e rios, por anharas e preconceitos
caminhamos já vitoriosos
sobre a condição moribunda

Uma amanhecer vital
em que se transformam as sensações orgânicas
sobre o solo pátrio

As flores apenas pétalas e aroma
os homens apenas homens
o lavrador possuindo a terra em associação perene
o operário da fábrica consciencializando a máquina
e a nossa voz gritando igual no seio da Humanidade
na mesma hora em que a mentira
se esconde na covarde violência

os homens saídos dos cemitérios da ignorância
das ossadas insepultas dos arrabaldes das cidades
nas sanzalas e nas terras estéreis
são os eleitos
os participantes efetivos no festim da nova vida
e das suas vicissitudes

Os homens
cuja voz descansou sob a condição e sob o ódio
e construíram os impérios do Ocidente
as riquezas e as oportunidades da velha Europa
mantendo os seus pilares sobre a angústia pulsátil dos
braços
sobre a indignidade e a morte dos seus filhos
os homens sacrificados nos traços paralelos das vias
férreas
cujo sangue se encontra nas armagamassas
lançado com pontes e estradas
também prenderam as águas nas barragens
com as suas mãos formidáveis e com os seus mortos
deram ao brilho das metrópoles ouro e diamantes
e das entranhas da terra mungiram óleos e fartura
para os sorrisos ingratos
e na sua bondade na sua visionária esperança
pediram às estrelas
apenas o complemento espiritual do dia escravo
Povo genial heroicamente vivo
onde outros pereceram
de vitalidade inultrapassada na História
alimentou continentes e deu ritmos à América
deuses e agilidade nos estádios
centelhas luminosas na ciência e na arte

Povo negro
homens anônimos no espírito da triste vaidade branca
agora construindo a nossa pátria
a nossa África
e no traço luminoso dos dias magníficos de hoje
definem a África solidária e esforçada
contra os desvarios duma natureza incongruente
na independência
num mundo novo com a voz igual

Chegada a hora das transformações cósmicas
que atingem a terra e catalisam os fenômenos
o raio mortífero da revolução

pulveriza a submissão do homem
e na força da amizade se encontram as mãos
se beijam as faces

Na hora das transformações humanas
o chilreio infantil da mocidade feliz
cantando em rodas ensaiadas pelos avós
falando nas nossas línguas a tradição da nossa terra
harmonizando as vozes na hora da independência
reconquistando o solo pátrio
para o nosso homem
preenche-lhe o vazio
Cantam nas praças e nos templos da sabedoria
as raparigas os poetas o brilho das estrelas
mergulhadas as raízes no húmus ancestral da África

Chegados à hora
fervilha a impaciência nos corações que lutam
pelo fumegar das fábricas e chiar dos guindastes
homens e rodas, suor e ruído
conjugados na construção da pátria libertada
conscientemente na construção da pátria
sem que o germe da exploração lhe penetre

sem que a voz nauseabunda do capataz
anuncie o cair do chicote
e os homens felizes na incomodidade de hoje
nos campos de batalha, nas prisões, no exílio
construindo o Amanhã, para uma terra nossa uma pátria
nossa

independente

Construção

e

reencontro

Chegados à hora
caminha o povo infatigável para o reencontro
para de novo se descobrir e fazer
nas melodias e nos cheiros ancestrais
na modificação progressiva dos sacrifícios aos deuses
nas violências sagradas e nos ritos sociais
na revivificação e na carinhosa adoração dos mortos
no respeito dos vivos
nas orgíacas práticas do nascimento e da morte
na iniciação da vida e do amor
no milagroso pacto entre o homem e o cosmos

Reencontrar a África no sorriso
no choque diário com os fantasmas da vida
na consagração da sabedoria e da paz
livres do constrangimento livres da opressão livres

Reencontrar-se nos campos de trabalho
na socialização
na entreajuda gloriosa nos campos
nas construções
nas caçadas
na coletivização das catástrofes e alegrias
na congregação dos braços para o trabalho

reencontrar-se nas tradições e nos caminhos feiticeiros
no medo no furor dos rios e cataratas
na floresta na religião na filosofia
a essência para a nova vida de África

Ressuscitar o homem
nas explosões humanas do dia a dia
na marimba no chingufu no quissange no tambor
no movimento dos braços e corpos

nos sonhos melódiosos da música
na expressão do olhar
e no acasalamento sublime da noite com o luar
da sombra com o fogo do calor com a luz
a alegria dos que vivem com o sacrifício gingado dos dias

Reencontrar
nos sagrados refúgios das horas de angústia
os homens perdidos nos labirintos alcoólicos
vícios da escravidão
e socorro extremo para a fome crônica
dos dias de frio e de calor de tristeza e de alegria
dos dias de farra e dos dias de rusga
dos minutos importantíssimos da existência [imediate
imprevisível indispensável
com ódios amizades traições riso choro força
fadiga energia ânimo desânimo silêncio
ruídos de terremoto soltos pelas mãos
ansiosas de êxito e de esquecimento
e de sonoras palavras nas letras das músicas desesperadas
lançadas nos bailes de sábado sobre as poeiras dos quintais
e o desejo incontido de se realizar
de ser homem
de encontrar o calor supremo na superfície carnal do outro
a voz amiga na laringe longínqua do outro
afagando um pouco a vida
num artifício monstro da liberdade ansiada

Reencontrar nos álcoois
No sangue demoníaco das entranhas feiticeiras da terra
onde se espelham os horizontes infernais da morte
e se cruzam razão e loucura
bílis amaríssima no encarceramento da prudência
e da capacidade
buscar nos álcoois
o amor à cultura à investigação à criação
à explicação dos cosmos
o domínio da seta veloz sobre a vida do antílope

da água sobre as chamas ateadas pelo raio
a forma e o âmago
do estilo africano de vida

Do caos para o reinício do mundo
para o começo progressivo da vida
entrar no concerto harmonioso do universal
digno e livre
povo independente com voz igual
a partir deste amanhecer vital sobre a nossa esperança.

*Ponta do Sol, Arquipélago de Cabo Verde,
Dezembro de 1960*

O IÇAR DA BANDEIRA

(Poema dedicado aos Heróis do povo angolano)

Quando voltei
as casuarinas tinham desaparecido da cidade

E também tu
Amigo Liceu
voz consoladora dos ritmos quentes da farra
nas noites dos sábados infalíveis

Também tu
harmonia sagrada e ancestral
ressuscitada nos aromas sagrados do Ngola Ritmos
Também tu tinhas desaparecido
e contigo
os Intelectuais
a Liga
o Farolim
as reuniões das Ingombotas
a consciência dos que traíram sem amor

Ceguei no momento preciso do cataclismo matinal
em que o embrião rompe a terra umedecida pela chuva
erguendo planta resplandecente de cor e juventude

Ceguei para ver a ressurreição da semente
a sinfonia dinâmica do crescimento da alegria nos homens
E o sangue e o sofrimento
eram uma corrente tormentosa que dividia a cidade

Quando eu voltei

**In: NETO, Agostinho. *Sagrada Esperança*. 10^a ed.
Lisboa, Sá da Costa, 1978.**

O dia estava escolhido
e chegava a hora

Até o riso das crianças tinha desaparecido
e também vós
meus bons amigos meus irmãos
Benje, Joaquim, Gaspar, Ilídio, Manuel
e quem mais?
- centenas, milhares de vós amigos
alguns desaparecidos para sempre
para sempre vitoriosos na sua morte pela vida

Quando eu voltei
qualquer coisa gigantesca se movia na terra
os homens nos celeiros guardavam mais
os alunos nas escolas estudavam mais
o sol brilhava mais
e havia juventude calma nos velhos
mais do que esperança era certeza
mais do que bondade era amor

Os braços dos homens
a coragem dos soldados
os suspiros dos poetas

Tudo todos tentavam erguer bem alto
acima da lembrança dos heróis
Ngola Kiluanji
Rainha Ginga
Todos tentavam erguer bem alto
a bandeira da independência.